

ORTIZ, RENATO.
**O PRÓXIMO E O DISTANTE. JAPÃO E MODERNIDADE –
MUNDO.**
SÃO PAULO: BRASILIENSE, 2000.

Denise Cristina **BOMTEMPO***

O entendimento da cultura de um país, atualmente, não se faz a partir de seu interior, mas sim a partir das relações que este tem com o espaço mundial. Partindo desta idéia, o autor procura fazer uma análise do movimento de globalização que penetra, de diferentes formas e em diferentes graus nos países, dando ênfase ao discurso da modernidade-mundo. Para tanto, ele utiliza como objeto de seu trabalho, o Japão, que é apresentado como um país distante, num duplo sentido, territorial e culturalmente. O mito da distância e do exótico vai sendo derrubado ao longo da obra, porque vai sendo demonstrado, através de fatos e de estudos que ele realizou, que o Japão é um país próximo da cultura que se mundializa a todo o momento.

A proposta do autor é de um olhar desterritorializado para se entender a cultura japonesa, pois ela possui todos os símbolos da modernidade-mundo.

Os conceitos que perpassam o trabalho para a análise da mundialização da cultura são: consumo, cultura popular, publicidade, meios de comunicação, música popular, moda, turismo e nação.

A obra está dividida em cinco capítulos.

No Capítulo I, intitulado “**As Ciências Sociais e o ‘enigma’ japonês**”, o autor traz, para a discussão, algumas características da cultura japonesa que, em alguns momentos, parecem ser diferentes da cultura ocidental, podendo, assim, passar a idéia de um país exótico. Um exemplo a ser destacado é aquele que mostra a vida cotidiana das mulheres japonesas, que têm a liberdade de ir e vir sem dar satisfações.

* Aluna do Programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP Presidente Prudente, Bolsista FAPESP. Orientador: Prof. Dr. Eliseu Savério Spósito. Endereço eletrônico: bomtempo@webmac.psl.br

ao esposo, diferente das européias. Outro exemplo relaciona-se aos hábitos alimentares, pois se come doce antes das refeições e não como sobremesa. São características que fazem com que estudiosos se sintam em torno de um “enigma” quando o objeto é o Japão e sua cultura.

O Japão é um país que tinha (afirmamos que *tinha* pois ele se modificou, principalmente após a Segunda Guerra Mundial), como estilo de vida, os pensamentos pautados no *nihonjiron* (o modo de vida japonês – identidade japonesa – japonidade). As raízes desse pensamento estão nos séculos XVII e XVIII, quando o que prevalecia eram as idéias confucionistas, pautadas na religiosidade e na família. Os ideais confucionistas perpassam a sociedade japonesa até o século XIX, quando o Japão sai do período *Tokugawa* e passa para a era do Imperador *Meiji* (1868). Nessa época, as transformações começaram a se despontar com bases capitalistas: as técnicas, a indústria e os armamentos passaram a fazer parte do Japão, e também o “outro”, o Ocidente, passou a influenciar a vida do povo japonês, transformando a maneira de se vestir e de se comportar em público.

Portanto, a era *Meiji* é um divisor de águas no Japão. Anteriormente, podemos pensar num Japão pautado nos conceitos da religião e da família. Na era *Meiji*, o Ocidente passou a fazer parte do Japão em todos os sentidos, na organização econômica, social e política, inserindo-o no *roll* da modernidade-mundo. A industrialização, a urbanização, a migração do campo para a cidade, o fim do regime estamental e a monetarização, passaram a ser uma realidade no cotidiano nipônico.

O Japão, portanto, não é um país homogêneo coeso e sem conflitos. É nesta perspectiva que o autor inicia o Capítulo II, intitulado “**Insularidade, Modernidade, Fronteiras**”.

Neste capítulo, o autor faz um resgate histórico, do modo de vida japonês, pautado no confucionismo de origem chinesa que, no Japão, passou a ter algumas características próprias, porém, com a mesma base de hierarquia nas relações entre mestre e servidor. Mas essa cultura, baseada no confucionismo, passou a sofrer influências do mundo “externo” a partir da era *Meiji*, pois houve mudanças que ocasionaram

o desenvolvimento da esfera econômica e mudanças nas relações de trabalho, no papel do Estado e na política industrial, que passaram a seguir as regras da economia internacional.

O Japão de hoje é o resultado de uma série de encontros entre a cultura tradicional e as culturas do exterior.

O espaço territorial é também um fator importante, que nos faz pensar num modo de vida singular. “Ilha”, tem um sentido de um lugar pequeno sem muitas diferenças no seu interior e também sem muitas relações com o exterior. Por muito tempo, o Japão foi considerado um país isolado no contexto mundial.

Anterior à era *Meiji*, na era *Tokugawa*, as trocas comerciais com o exterior restringiam-se ao porto de Nagasaki, com comerciantes holandeses, onde se situavam trabalhadores chineses especializados, sacerdotes, artesãos e mecânicos. As relações com o exterior sempre existiram, mas não com tanta dinamicidade como passou a ocorrer na era *Meiji*.

Diante deste quadro, o autor faz uma discussão sobre o Estado-Nação japonês. Quando podemos falar, então, de uma nação japonesa?

A nação pressupõe um movimento de integração, uma “consciência coletiva” que envolve os habitantes de um determinado território, é uma unidade moral, mental e cultural dos habitantes que aderem comumente o Estado às suas leis.

O Estado é o órgão no qual a coesão se estabelece por meio da força e da coerção administrativa e a nação se funda em vínculos sociais de outra natureza.

Neste sentido, não há uma “nação” japonesa anterior à era *Meiji*, pois cada clã tinha suas próprias leis, o senhor tinha o domínio de seu território. A nação, portanto, é um dos elementos da modernidade-mundo em solo japonês, pois integra indivíduos, grupos e classes sociais no seio de uma mesma comunidade.

Na era *Meiji* a tradição e a modernidade foram postas em *check*, porque, nessa época, a modernidade era o símbolo da formação da nação japonesa, pois o ideal era atingir o desenvolvimento tecnológico e econômico, conquistar o nacional e o mundo. Por volta de 1872, a cultura

ocidental estava presente no modo de vida japonês, por exemplo, na vestimenta do imperador, que não aparecia mais em público com trajes tradicionais. Além disso, ela aparecia na organização das empresas, na produção e difusão de tecnologias, na organização e manipulação das pessoas e informações.

Para isso, o Japão voltou-se aos países industrializados e começou a “imitar” o que encontrava “lá fora”. Então, o Japão não tem originalidade? Como fica a identidade do país? Anterior à era *Meiji*, o estilo de vida confucionista foi importado da China; na era da modernidade japonesa, a influência externa dos países europeus e dos Estados Unidos foi determinante para a formação do Japão moderno. Portanto, o Japão é diferente e igual a todos; na verdade, o que o diferencia dos outros, como afirma o autor, é a digestão das formas de organização dos outros países. O Japão consegue digerir e formar um estilo de vida próprio, uma organização própria; porém, os símbolos da modernidade-mundo, estão presentes em todos os segmentos da sociedade, principalmente entre os jovens (como será tratado nos capítulos seguintes), e na organização do trabalho.

O autor ainda ressalta que a década de 1980 representou o decênio mais importante desde a Revolução *Meiji*. Os objetivos centrais foram alcançados, como por exemplo, a construção de um país moderno, capaz de alcançar o Ocidente e rivalizar com ele. As fricções comerciais entre o Japão e os Estados Unidos confirmaram essa superação, fazendo com que os japoneses tomassem verdadeiramente consciência de sua potência econômica. O sucesso econômico, a presença dos países asiáticos, agora parte integrante de seus interesses econômicos e estratégicos, tornaram o Japão um pólo regional e mundial importante.

O tema da internacionalização vai se impondo à metáfora “ilha”. Como afirma o autor, não se trata apenas de um fenômeno de natureza econômica. O turismo japonês no exterior tornou-se uma indústria promissora. A imigração, embora restrita e controlada rigidamente pelo Estado, traz com ela novos estoques étnicos e culturais – chineses, coreanos, *dekassegui* brasileiros etc. O tema da diversidade cultural se contrapõe à imagem harmônica de um país racialmente homogêneo,

isolado em sua geografia insular. A abertura do mercado colocou, ainda, à disposição do consumidor, produtos que inexistiam no mercado interno, difundindo padrões de beleza, gosto e comportamento.

Uma periodização bem simples e prática demonstra a inserção japonesa na economia e no estilo de vida mundial. Nos anos 1950, o Japão era conhecido por sua exportação de produtos baratos; nos anos 1960, pelo seu rápido desenvolvimento econômico; nos anos de 1970, por sua habilidade de contornar os efeitos da crise do petróleo; nos anos de 1980, por seu tipo de gestão administrativa. Na década de 1990, a imagem do Japão, já não é apenas econômica, *sushi*, *sashimi* e *karaoke*, mas são símbolos tão bons e conhecidos como *Honda* e *Mitsubishi*. Eles são parte do fluxo externo da cultura japonesa.

O Japão está, portanto, inserido na modernidade-mundo, e isto é extremamente importante no que tange à economia do país. No entanto, do ponto de vista cultural, essa mundialização dos usos e costumes faz com que alguns valores sociais deixem de ser preservados.

No Capítulo III intitulado “**Ética, Trabalho e Ócio**”, o autor traz para a discussão o trabalho como representação social, que tem características próprias num Japão anterior e posterior à era *Meiji*, dando ênfase ao trabalho na sociedade japonesa atual.

O autor utiliza o lazer como conceito para fazer uma discussão sobre o trabalho e, conseqüentemente, sobre o consumo na sociedade mundializada. Como, ao longo de toda obra, o Japão é interpretado em dois tempos (anterior e durante a era *Meiji*), num período anterior, os valores que estão presentes na sociedade e em toda organização voltada para o trabalho são os coletivos. O capitalismo, portanto, não emergiu com força na sociedade pautada nos princípios de coletividade e lealdade (submissão ao supremo, à família, à comunidade, ao feudo e ao governo militar). A noção de trabalho dificilmente poderia ser compreendida como um valor universal. Não que na sociedade *Tokugawa* (anterior *Meiji*) se favorecesse o ócio ou a vida desregrada; pelo contrário, os ideais confucionistas e budistas preconizavam uma conduta frugal e ascética.

Numa sociedade industrial e moderna, o trabalho ganhou outra dimensão que, para que seja entendida, é preciso que nos situemos na

discussão do lazer. Como se insere a discussão do lazer nas relações de trabalho? No confucionismo, o regime sempre foi severo em relação ao divertimento e ao consumo, pois o indivíduo tinha que estar com o tempo para o trabalho e obediente às regras estabelecidas. As vontades, os desejos, os prazeres, são percebidos como fraquezas, um ônus a ser corrigido pelas maneiras discretas e moderadas – ordenamento e controle, que significa uma hierarquização das relações sociais: cada um tem o seu lugar na sociedade.

O conceito de lazer era inexistente antes da Primeira Guerra Mundial. A organização do tempo do trabalho era decidida pelo Estado e o lazer era visto como um valor negativo.

A discussão do consumo também perpassa pela discussão do lazer e do trabalho. De acordo com o autor, os economistas defendem que a modernização do Japão foi possível a partir de uma forte contenção do consumo, pois o padrão de vida das pessoas entre 1870/1945 era modesto em relação aos dias atuais. Neste período, o consumo era marcado por produtos nativos, processados por pequenas indústrias locais e familiares, e um dos maiores gastos era com as vestimentas e com a alimentação.

O consumo passou a ser significativo após a Segunda Guerra Mundial, quando os investimentos nas indústrias, no sistema de transportes e principalmente nas empresas de alta tecnologia, passaram a ser sentidos. As manifestações da modernidade no Japão foram “percebidas” quando as roupas ocidentais passaram, definitivamente, a fazer parte do estilo de vida dos japoneses, principalmente dos trabalhadores em órgãos públicos.

A ascensão da indústria japonesa, o desenvolvimento tecnológico e a urbanização do Japão foram fatores determinantes para a redefinição da cultura cultivada no passado, que pregava a lealdade e a disciplina no trabalho.

A sociedade japonesa da atualidade está pautada no consumo, não mais de vestimentas orientais e de alimentação, mas sim de produtos eletrônicos que passaram a fazer parte da casa nipônica, como geladeira, televisor, ar-condicionado, aspirador de pó, automóvel, máquina de lavar

roupa, câmara fotográfica. Além disso, o surgimento de produtos nacionais, como jogos eletrônicos, programas de auditório e revistas em quadrinhos, fizeram com que o tempo de lazer e o consumo tornasse um objeto de desejo na sociedade japonesa e, por sua vez, o trabalho, uma obrigação.

O trabalho não é mais inerente à juventude japonesa do Japão moderno, a cultura mundializada possibilitou, aos jovens, outras possibilidades, além do trabalho: o consumo e o lazer.

No capítulo IV, “Trabalho, Consumo e Estilo de Vida” e, no Capítulo V, “Tradição, Identidade e Desterritorialização”, o autor dá continuidade à discussão do terceiro capítulo. Para ele, o trabalho e o consumo no Japão industrializado e moderno fizeram emergir um novo estilo de vida, pois as pessoas passaram a consumir produtos nacionais e também produtos da economia globalizada: o mundo, agora, é um grande mercado. Em relação aos hábitos alimentares, os *fast food* estão presentes de maneira maciça no Japão, a tal ponto que, lembrando apenas um exemplo, o faturamento do *McDonald's* japonês só é ultrapassado pelo americano.

Mas esse novo estilo de vida não é visto como benéfico, por todos, na sociedade japonesa. Na década de 1980, surgiu o termo *shinjinrui* que se aplica à nova geração dos jovens. Os mais antigos definem os mais jovens como preguiçosos e descompromissados com a família, com a política e com os idosos.

As vestimentas despojadas, os cabelos pintados, parecem querer desafiar as normas estabelecidas. A nova geração tenta equilibrar o lazer e o trabalho, derrubando a ética japonesa do trabalho, que facilitou o enorme crescimento do país que está, agora, em declínio.

Apesar de caminhos distintos, a modernidade acontece de maneira diferenciada, dependendo da história de cada país. O contexto mundializado implica na emergência de problemas que transcendem suas fronteiras. Mas o autor faz um alerta: para se compreender o mundo contemporâneo, não é necessário imaginar que todo o passado desaparece dando lugar à modernidade.

O Japão, hoje, já é um país mundializado cultural e economicamente. O discurso da separação entre ocidente e oriente já não se faz com tanta ênfase, pois os símbolos mundiais estão presentes mundialmente, mas em graus diferenciados.

Após a Guerra Fria, o Japão se expandiu definitivamente para o mundo, com suas metas industrializantes, ditadas pelo sentido nacional, e se distanciou, cada vez mais, de seus vizinhos continentais. Hoje, fala-se de um retorno do Japão para seus vizinhos asiáticos, mas esse retorno está ocorrendo de maneira diferenciada. O Japão está retornando como um país mundializado, na economia e na cultura, e é este Japão que passa a ser absorvido pelos países asiáticos e por todos os outros países absorvidos pela economia mundial.

O que está aproximando as pessoas, de acordo com o autor, não é o confucionismo, o budismo, nem o artesanato "milênar". O que as aproxima, na verdade, é o consumo de objetos simbólicos, como telefones celulares, televisores, automóveis, programas de TV, gêneros musicais etc. Frutos da modernidade, esses artefatos deslocam, territorialmente, as culturas transnacionais, unificando o gosto dos consumidores num espaço transnacional. Neste sentido, a expansão dos bens culturais revela muito mais o processo de mundialização da cultura do que suas qualidades intrinsecamente nacionais.

Por fim, o autor reforça a idéia de que a modernidade é um fato, mas que se diferencia historicamente, pois os países, os territórios da modernidade, que não são iguais, possuem histórias, relações sociais e econômicas diferentes. Enfim, são sociedades diferentes que são influenciadas por uma cultura que também é diferente, mas que têm o poder de se tornar igual ao longo do tempo.

O Japão, país que o autor analisou para a realização de seu texto, é um país que viveu os dois períodos, antes e durante a modernidade. Ao longo desta obra, percebemos que existem os prós e contras do discurso da modernidade que, ao mesmo tempo em que trazem a riqueza econômica para o país, com a expansão das indústrias, com a produção tecnológica, altamente qualificada e a expansão do mercado em nível mundial, traz, também, a perda de valores que acabam se

esvaindo, ao longo do tempo, pela cultura da modernidade. Como exemplo, podemos citar a dedicação reduzida do povo japonês ao trabalho e o aumento extraordinário do consumo de marcas nacionais e também de marcas mundiais. Por fim, o Japão não é o outro, ele é parte de um todo, de uma cultura mundial, que contém os símbolos e signos de uma economia capitalista.

O distante está tão próximo como nunca se viu...